

## ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA EM PEQUENAS CIDADES: O CASO DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO - SP E A INDÚSTRIA DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ

**Franciele Miranda Ferreira Dias**

Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Londrina  
Professora substituta no curso de Geografia da Unesp (Campus de Ourinhos)  
[franciele.ferreira-dias@unesp.br](mailto:franciele.ferreira-dias@unesp.br)

### RESUMO

O objetivo do trabalho foi discutir como ocorreu a especialização produtiva na pequena cidade de Santa Cruz do Rio Pardo e contribuir quanto à discussão relativa às pequenas cidades que desenvolveram especializações produtivas/funcionais. Para a realização do trabalho foram utilizadas fontes primárias e secundárias, constituídas de levantamento de campo, pesquisa bibliográfica e coleta de dados sobre o setor do beneficiamento do arroz. Observou-se que Santa Cruz do Rio Pardo tem sua economia fortemente atrelada ao setor da indústria de beneficiamento de arroz, ou arrozeiras, representando o maior polo de beneficiamento de arroz excetuando-se o estado do Rio Grande do Sul, líder nacional. As arrozeiras, têm a gênese relacionada à iniciativa de agentes sociais locais, cujo capital acumulado com atividades rurais foi investido em máquinas de beneficiamento de arroz oriundas da indústria Máquinas Suzuki, dando origem, em meados da década de 1960, à indústria analisada e a especialização produtiva nessa pequena cidade.

**Palavras-chave:** Arrozeiras. Contato próximo. Processo produtivo.

### PRODUCTIVE SPECIALIZATION IN SMALL TOWNS: THE CASE OF SANTA CRUZ DO RIO PARDO - SP AND THE RICE BENEFIT INDUSTRY

### ABSTRACT

This paper aims to discuss how production specialization occurred in the small town of Santa Cruz do Rio Pardo and to contribute to the discussion related to towns and villages that developed production / functional specializations. To carry out the work, primary and secondary sources were used, i.e. field survey, bibliographic research and data collection on the rice processing sector. It was observed that Santa Cruz do Rio Pardo's economy walks hand-in-hand with the rice processing industry, thus representing the largest pole of the aforementioned industry outside Rio Grande do Sul, the country's top state in the sector. Rice fields' origins relates to the initiative of local social agents, whose accumulated capital through rural activities was invested in rice processing machines by Máquinas Suzuki industries, giving rise, in the mid-1960s, to the analyzed industry and production specialization in this small town.

**Keywords:** Rice fields. Personal contact. Production process.

### INTRODUÇÃO

No ideário popular as pequenas cidades são percebidas como espaços urbanos pouco complexos, pautados pela tranquilidade e aparente imutabilidade social e econômica. Entretanto, assim como outros escalões urbanos, as pequenas cidades podem passar por mudanças econômicas que alteram seu papel na divisão territorial do trabalho, desenvolvendo relações que extrapolam a escala local. Apesar disso, a temática referente à pequena cidade ainda é pouco discutida, embora tenha ganhado espaço nos últimos anos, a exemplo de Capel (2009) que destacava a diversidade de situações relativas às pequenas cidades europeias. Já Bell e Jayne (2009) destacaram a necessidade de uma agenda que englobasse diferentes perspectivas do estudo dessas cidades.

Não há consenso sobre a conceituação desse patamar de cidade, bem como a opção metodológica para seu estudo ainda é alvo de discussões, prevalecendo análises que consideram o tamanho populacional e/ou o papel na rede urbana e na divisão territorial do trabalho.

Considerando as dificuldades teóricas e metodológicas quanto ao estudo das pequenas cidades, depreende-se a necessidade das discussões que abordem esse escalão urbano. Um dos vieses de

análise da pequena cidade centra-se na especialização funcional ou produtiva que parcela desenvolveu, sobretudo a partir da última década do século XX, sendo uma temática ainda pouco discutida.

Conforme Fresca e Veiga (2011), a discussão sobre a especialização produtiva em pequenas cidades coloca em evidência processos como a desconcentração da indústria, a ampliação dos complexos agroindustriais, ações do poder público local, dentre outros elementos, contribuindo para identificar a criação de novas atividades produtivas e de articulações que extrapolam a escala local.

Nesse sentido, o objetivo do trabalho é contribuir quanto à discussão acerca das especializações funcionais/produtivas em pequenas cidades, com enfoque para o caso<sup>1</sup> de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade paulista que desenvolveu a especialização produtiva no beneficiamento de arroz.

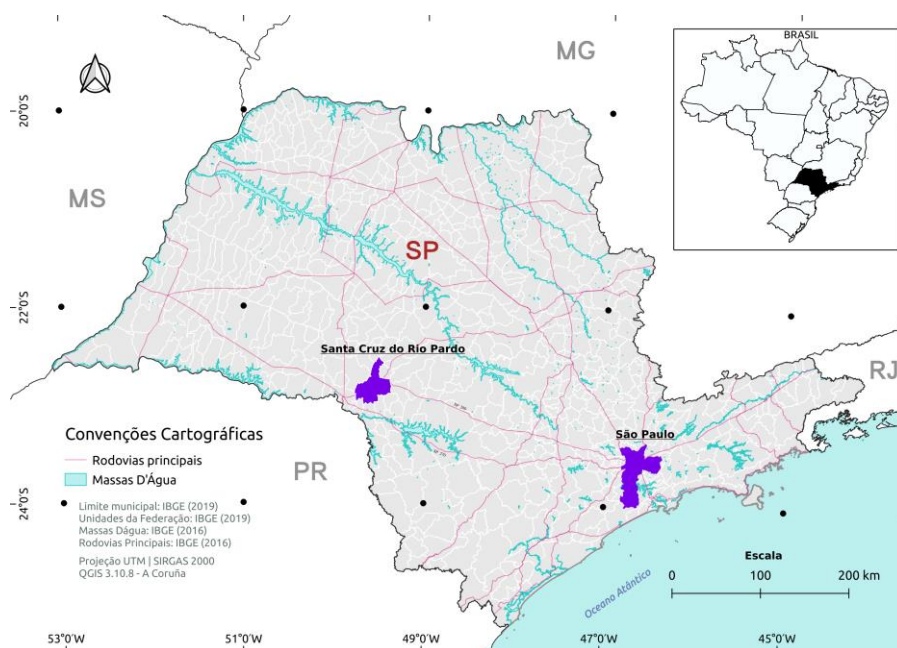
Em Santa Cruz do Rio Pardo não há atualmente nenhum hectare destinado ao cultivo de arroz e, por outro lado, no município só ocorreu produção relevante na década de 1950, sendo cultivadas 6.852 toneladas de arroz em 4.251 hectares (IBGE, 1955). Após a década citada, o cultivo de arroz diminuiu, mas a participação no beneficiamento de arroz e a consolidação do polo arrozeiro, aumentou paulatinamente. O arroz é oriundo mormente de Uruguaiana (RS), o que confere uma dinâmica de escoamento, beneficiamento, comercialização e interações que extrapolam a rede urbana de Ourinhos (SP), na qual Santa Cruz do Rio Pardo insere-se.

Nesse sentido, cumpre a esse trabalho discutir como um município em que não há produção da matéria-prima e que localiza-se geograficamente distante da mesma, possui importante participação no segmento de beneficiamento de arroz, atendendo parcela do principal mercado brasileiro, o estado de São Paulo. A proximidade da matéria-prima é essencial dada a baixa margem de lucro do setor, em torno de 2%, e aos grandes volumes processados. Porém Santa Cruz do Rio Pardo desenvolveu uma especialização produtiva no segmento analisado, a partir da atuação de empresas locais, o que permite a permanência no setor.

Atualmente Santa Cruz do Rio Pardo conta com 47.943 habitantes (IBGE, 2020) e pauta sua economia no cultivo de cana-de-açúcar, nas ind

ústrias beneficiadoras de arroz (Solito, Guacira, Rosalito, São João, Picinin e Valle Branco) e na indústria de rações para gatos e cães (Special Dog), além de apresentar o setor terciário vinculado à prestação de serviços ao setor industrial mencionado. A figura 1 apresenta a localização da cidade estudada, a 356 km da capital do estado de São Paulo.

Figura 1 - Localização de Santa Cruz do Rio Pardo.



Fonte - QGIS, 2020. Elaborado pela autora.

<sup>1</sup> O artigo é resultado da tese de doutorado da autora, intitulada "Pequenas Cidades na Rede Urbana de Ourinhos - SP: Agronegócio e Especialização Produtiva, (FERREIRA DIAS, 2019).

Do ponto de vista metodológico, utilizou-se fontes primárias e secundárias. As fontes primárias consistiram nos levantamentos de campo<sup>2</sup> em Santa Cruz do Rio Pardo, os quais objetivaram: 1) Apreender os elementos relativos à gênese da indústria de beneficiamento de arroz, relacionando com a atuação da indústria Máquinas Suzuki, que apesar de ter encerrado as atividades em 2019, foi o primeiro fabricante das máquinas para beneficiamento de arroz utilizadas pelas arrozeiras santacruzenses; 2) Compreender a origem da matéria-prima, o beneficiamento do arroz em si e comercialização do arroz e de outros alimentos. Essas fontes primárias, manifestas através de entrevistas, permitiram compreender as realidades não expressas por fontes secundárias. As fontes secundárias referem-se a bibliografia consultada e aos dados estatísticos.

O texto discute inicialmente alguns elementos que envolvem o estudo das pequenas cidades, do ponto de vista conceitual e metodológico, associando com a análise da especialização produtiva, a partir da discussão bibliográfica pertinente. A segunda parte do texto refere-se ao estudo da especialização produtiva em Santa Cruz do Rio Pardo, discutindo os elementos atrelados à gênese das indústrias de beneficiamento de arroz, o processo de especialização produtiva e por fim, alguns aspectos que envolvem a cadeia produtiva do arroz.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O crescente interesse pelo estudo da pequena cidade data do último quartel do século XX, sendo resultante da complexificação do processo de acumulação capitalista e seus desdobramentos, revelados nas mudanças na divisão territorial do trabalho. As mudanças provenientes da reestruturação capitalista ocasionaram consequências nas cidades em geral e naquelas que apresentam o menor tamanho territorial, população diminuta e papel de menor destaque no contexto da rede urbana, ou seja, as pequenas cidades. Esse escalão urbano apresentou novas dinâmicas econômicas que se traduziram em novos papéis da divisão territorial do trabalho e na rede urbana.

SPOSITO (2010) identificou que a globalização trouxe novos papéis às cidades médias e pequenas, alterando as redes e hierarquias urbanas. Assim, a antiga lógica de intermediação que as cidades médias desempenhavam em relação à metrópole, não se faz presente em todas as redes urbanas, revelando que as pequenas cidades podem ter interações extrapolariam a escala local

A pequena cidade refere-se aos núcleos urbanos com função administrativa, atividades econômicas vinculadas à produção e circulação de mercadorias e à prestação de serviços sendo “[...] um núcleo dotado da função de sede municipal. Reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa [...]” (CORRÊA, 2011, p.7).

Predominam duas abordagens relativas ao estudo das pequenas cidades: o papel na rede urbana e o critério populacional. O critério populacional, apresenta divergência sobre quantos habitantes teria uma pequena cidade. Para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2000), a pequena cidade tem a população urbana de até 50.000 habitantes, coincidindo com Corrêa (2006). Para Assis; Araújo e Gomes (2006), a população inferior a 100.000 habitantes caracteriza uma pequena cidade, e, para Olanda (2008) seria 20.000 habitantes. Para os autores, o fator populacional é aceitável para compreender uma cidade como pequena, não importando as funções na rede urbana e a complexidade econômica que possam apresentar. Ao contrário, Endlich (2006) e Fresca (2010) consideram o fator populacional incompleto para identificar-se uma cidade como pequena. Para Fresca (2010), há cidades com tamanhos similares e importâncias distintas, vinculadas aos papéis que elas desempenham na divisão territorial do trabalho e na rede urbana. Nesse sentido, cabe considerar o papel que a pequena cidade desempenha na rede urbana.

Na análise do papel que as pequenas cidades desempenham atualmente, do ponto de vista funcional e quanto a sua reinserção da rede urbana, alguns caminhos podem ser observados. Para Corrêa (2011) os possíveis padrões funcionais das pequenas cidades quanto ao século XXI seriam: 1) pequenas cidades submetidas à agricultura capitalista; 2) pequenas cidades funcionalmente especializadas em alguma atividade industrial; 3) pequenas cidades transformadas em cidades-

---

<sup>2</sup> As entrevistas foram realizadas em junho de 2018 nas indústrias de beneficiamento de arroz Picinin, Valle Branco, Solito, Guacira, São João e Rosalito; agentes sociais representantes da Máquinas Suzuki e da indústria de rações para cães e gatos Special Dog. Acerca da Máquinas Suzuki, a empresa passava por um processo de falência, sendo concluído no ano seguinte. Optou-se por utilizar abreviaturas substituindo o nome dos entrevistados, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

dormitórios, cuja contiguidade é atrelada às cidades expressivas, do ponto de vista econômico; 4) pequenas cidades que concentram trabalhadores que atuavam no campo, porém perderam seus empregos em decorrência da modernização agrícola e da concentração fundiária; 5) pequenas cidades esvaziadas do ponto de vista demográfico e que dependem sobretudo de recursos econômicos externos.

O caso da pequena cidade que desenvolveu alguma especialização em atividade industrial, interessa ao presente artigo. As contribuições teóricas sobre a especialização funcional em pequenas cidades perpassam pesquisas dos autores Veiga (2007, 2014), Fresca e Veiga (2011), Veiga e Fresca (2010), Almeida e Fresca (2010) e Fresca (2005, 2006). Um dos trabalhos percursoros quanto ao tema em destaque refere-se a Fresca (2000), cuja análise perpassou o estudo da formação socioespacial do Norte do Paraná, a fim de compreender os papéis de três pequenas cidades, Cornélio Procópio, Jataizinho e Jacarezinho.

Porém, anteriormente, Santos (1988) identificou que a difusão dos transportes associado às melhorias nas telecomunicações contribuiu para a especialização produtiva, formando os circuitos espaciais da produção, os quais se relacionavam à região e englobavam cidades médias e grandes. Na medida que já não é mais necessário produzir tudo para a subsistência da cidade, e a partir do transporte mais eficiente, a busca por insumos poderia ocorrer em locais mais distantes, criando a possibilidade da especialização. Nesse sentido, as cidades poderiam manter relações mais próximas com cidades que não estão próximas geograficamente.

A forma como se dá a inserção da pequena cidade na rede urbana é o objetivo da análise da especialização funcional ou produtiva em pequenas cidades. Fresca (2005) apontou que as pequenas cidades apresentam diferenças funcionais, inserindo-se ao menos em duas redes urbanas. A primeira rede urbana refere-se às localidades centrais, apresentando as características do consumo, denotando a estratificação social local, sendo essa rede urbana identificada por estudos governamentais, dentre eles o REGIC - Região de Influência das Cidades IBGE (2008) e por pesquisadores, considerando as cidades de diversos patamares. Nesse caso, as pequenas cidades são segmentos pouco importantes na rede urbana, na medida que ocupam o mais baixo escalão da rede, desempenhando papéis complementares às cidades com maior importância na hierarquia urbana.

Conforme Fresca (2005), a outra rede é menos perceptível e apresenta outros papéis que as cidades podem apresentar, sendo complementares em relação a algum centro maior ou singular em razão de alguma atividade econômica desenvolvida. Nessa perspectiva, a cidade que apresenta alguma especialização funcional, industrial ou de serviços, apresentará esse outro viés de inserção na rede urbana.

Quanto ao caso de Santa Cruz do Rio Pardo, a cidade é apontada pelo REGIC (IBGE, 2008) como um centro de zona<sup>3</sup> subordinado à Ourinhos, entretanto, apresenta importância nacional no beneficiamento de arroz, podendo em tese, realizar interações distintas àquelas apresentadas no âmbito da rede urbana de Ourinhos.

A partir do exposto é possível compreender a viabilidade de estudos como de Fresca e Veiga (2011), ao analisarem a especialização em serviços fotográficos desempenhados por Santa Fé (PR). As autoras identificaram que a cidade, centro local conforme o REGIC (IBGE, 2008), apresenta relações com outras redes urbanas na medida que a especialização em serviços fotográficos abrange interações econômicas em nível nacional.

Fresca e Veiga (2011) destacaram a necessidade do estudo da especialização funcional em pequenas cidades dada a heterogeneidade do processo de urbanização brasileiro, implicando em reflexões sobre distintos aspectos como a desconcentração industrial, a diversificação dos complexos agroindustriais, as interações com diferentes redes urbanas e a formulação de novos produtos e/ou atividades econômicas. Assim, a desconcentração industrial, com o intuito de aumentar os lucros, concretiza-se em algumas pequenas cidades, pois uma parcela delas apresenta condições locais favoráveis. Almeida e Fresca (2010) também identificaram a especialização produtiva acerca da indústria metalmeccânica de Assaí (PR), e de forma semelhante à Santa Fé (PR), a cidade

---

<sup>3</sup> No REGIC de 2018 (IBGE, 2020), Santa Cruz do Rio Pardo continua inserida na rede urbana de Ourinhos, porém apresenta o papel de centro sub-regional B, o que em tese, confere-lhe maior centralidade em relação ao REGIC de 2007 (IBGE, 2008), identificada como centro de zona A. Caberia um novo estudo analisando essa mudança.

também apresentava relações que extrapolavam a rede urbana a qual insere-se, no caso a rede urbana de Londrina.

A complexificação da divisão territorial do trabalho desencadeou a refuncionalização das cidades e as especializações produtivas através de capital local ou de outros patamares. O resultado da especialização pode ser gerar empregos locais, impostos, sem necessariamente dar à pequena cidade o papel de controladora de um dado segmento produtivo. Em outras palavras, a pequena cidade pode ser especializada em alguma atividade econômica sem que necessariamente se destaque nacionalmente em tal segmento. Também, o fato de uma pequena cidade tornar-se especializada em uma dada produção industrial ou prestação de determinado serviço não representa a inexistência de outros setores econômicos nessas cidades. Porém, a atividade econômica em destaque, apresenta conforme Fresca (2005), importância quanto à receita municipal, relevância no âmbito nacional ou estadual devido ao volume de produção, quantidade de empregos gerados ou importância pela presença dos conjuntos dos elementos relativos àquela produção, formando uma cadeia produtiva.

De acordo com Fresca (2000), após a década de 1960, muitas pequenas cidades passaram por uma refuncionalização, atrelada às atividades industriais criadas por agentes sociais, que acabaram por modificar suas atividades econômicas, mediante às mudanças que o processo de urbanização e modernização da agricultura desencadearam.

A especialização produtiva pode se dar através de ampla produção no âmbito nacional, sendo o caso citado pelas autoras Fresca e Veiga (2011) quanto à especialização em serviços fotográficos, desempenhados pela cidade de Santa Fé (PR). A especialização funcional também pode se referir à indústria, caso estudado por Veiga (2014) quanto à cidade de Jaguapitã (PR), especializada na produção de mesas para bilhar. O estudo abrangeu a reinserção dessa cidade na rede urbana norteparanaense, considerando a grande importância econômica que essa atividade apresentava em meados do século XXI. A autora considerou as interações quanto à aquisição de matéria-prima e a locação de mesas para bilhar, em distintas partes do território brasileiro.

Outras diferenciações surgem quanto ao capital empregado no setor. Exemplos podem ser expressos pelo caso da cidade de Jaguapitã (PR), discutido por Veiga e Fresca (2010) e o controle sobre o mercado consumidor gaúcho quanto à comercialização de mesas de bilhar e da cidade de Santa Fé (PR), estudada por Fresca e Veiga (2011), acerca da gênese das empresas, atreladas ao capital local e que desenvolveram atividades relativas às marcas de origem local. Não é o mesmo caso encontrado em Apucarana (PR), pois conforme apontou Fresca (2005), embora a origem da indústria de bonés da cidade tenha relação com iniciativas de agentes locais, a complexificação da produção e das relações econômicas desencadeadas pela desconcentração industrial nas décadas passadas, resultou em um processo de produção pulverizado em distintos locais do território brasileiro, sendo que em Apucarana são produzidos bonés para marcas de capital não local.

A especialização funcional em pequenas cidades pode se referir à indústria ou serviço e apresentar distinções quanto ao destino da produção e marcas empregadas nos serviços ou produtos. Contudo, a gênese das empresas que compõem a especialização industrial ou de serviços nas pequenas cidades, foi em geral, atrelada ao capital local de origem agropecuária e apresentou processos semelhantes quanto a construção dessas especializações. De acordo com Fresca (2000) a especialização funcional das pequenas cidades pode estar ligada ao denominado contato próximo.

O contato próximo refere-se à expansão numérica de empresas do mesmo segmento na pequena cidade, através da ação de ex-empregados, sócios ou pessoas de outros ramos produtivos. Ao observar o sucesso de algum proprietário, os demais agentes sociais citados acabam por inserirem-se também na mesma atividade econômica, sem, no entanto, contar com ações políticas<sup>4</sup>, que administrem essa expansão (FRESCA, 2000). A autora aponta que, após a década de 1960, muitas pequenas cidades passaram por uma refuncionalização, atrelada às atividades industriais criadas por agentes sociais que acabaram por modificar suas atividades econômicas, mediante às mudanças que o processo de urbanização e modernização da agricultura desencadearam.

---

<sup>4</sup> Pode-se entender que a ação política se atrela aos denominados Arranjos Produtivos Locais - APL, caracterizados pela ação de atores locais, mobilizando-se de forma coordenada, com o intuito de desenvolver atividades de um dado segmento. O Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços - MDIC - define o APL como uma aglomeração em um mesmo território, cuja especialização produtiva engloba os atores locais, governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (MDIC, 2018). Santa Cruz do Rio Pardo não reúne esses elementos, inserindo-se no caso da especialização produtiva.

Cabe frisar que os trabalhos de Fresca (2000), Fresca e Veiga (2011), Almeida e Fresca (2010) e Veiga (2014) referem-se às especializações funcionais ao norte do estado do Paraná, embora alguns aspectos sejam comuns à cidade estudada nesse trabalho. As mudanças agropecuárias por volta da década de 1960 e a iniciativa de agentes locais, cujo capital acumulado refere-se às atividades agrícolas, notadamente o cultivo de café<sup>5</sup>, o qual entrou em declínio na década citada, são aspectos comuns ao Norte do Paraná e também ao Centro-Oeste Paulista, onde se localiza Santa Cruz do Rio Pardo.

Santa Cruz do Rio Pardo é um município cuja economia foi até a primeira metade do século XX, fortemente relacionada às atividades agrícolas, principalmente o cultivo de café. Após a década de 1960 esse município passou pela paulatina inserção de capitais em atividades econômicas urbanas, no caso, o beneficiamento de arroz e a fabricação de máquinas que possibilitaram por décadas a efetivação da atividade citada e também a concretização do maior polo de beneficiamento de arroz do estado de São Paulo.

Entretanto, não se trata de um processo de desconcentração industrial, conforme discutido, dentre outros autores, por Cano (2007) e Negri (1996), na medida que a atividade industrial da pequena cidade Santa Cruz do Rio Pardo se caracteriza pela existência de empresas de médio e, principalmente, pequeno porte atreladas ao setor alimentício, sobretudo do beneficiamento de arroz e pautadas no capital local de agentes sociais. Do mesmo modo, a gênese das empresas arroseiras não se refere somente ao contato próximo, uma vez que se trata de um segmento cuja atuação perpassa fortes relações familiares, diferenciando dos casos das especializações funcionais no estado do Paraná.

## **A ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA NA PEQUENA CIDADE DE SANTA CRUZ DO RIO PARDO**

A gênese da indústria de beneficiamento de arroz santa-cruzense refere-se à atuação da indústria de fabricação de máquinas de beneficiamento de cereais, Máquinas Suzuki, criada em 1944 pelo imigrante japonês Michiyoshi Suzuki, fornecendo inicialmente, os equipamentos necessários ao beneficiamento do arroz. Portanto, os elementos técnicos imprescindíveis ao beneficiamento do arroz foram criados preteritamente à criação das indústrias de beneficiamento de arroz atualmente em atividade.

Conforme o ex-gerente de vendas da empresa Máquinas Suzuki, Sr. M.U., embora as atividades da empresa tenham se iniciado com a criação de máquinas para beneficiamento de café e soja, ocorreu paulatinamente a mudança para o seguimento das máquinas de beneficiamento de arroz. A princípio, o beneficiamento do arroz era pouco rentável devido ao uso do descascamento através de rolete de pedra, única opção disponível naquele período, o que levava a quebra excessiva dos grãos e também à sua aspereza. Porém, em 1949, Michiyoshi Suzuki desenvolveu o rolete de borracha, facilitando o processo de descascamento de arroz por diminuir a quebra dos grãos, aumentando o lucro obtido por meio do beneficiamento do arroz, portando-se como uma revolução no setor produtivo analisado.

No tocante à gênese do setor arroseiro, o invento do rolete de borracha foi o elemento crucial para a viabilidade do beneficiamento de arroz em Santa Cruz do Rio Pardo, na medida que tornou o processo produtivo mais rentável, fator extremamente necessário principalmente no caso do município estudado, cuja matéria-prima não é local, necessitando reduzir todos os custos possíveis para que a atividade industrial fosse viável. A Máquinas Suzuki favoreceu o desenvolvimento inicial do setor de beneficiamento de arroz de Santa Cruz do Rio Pardo, embora posteriormente, outras empresas como a Zacharias de Limeira (SP) oferecerem os serviços e máquinas necessários ao setor.

Entre a década de 1950 e 1980, o setor arroseiro de Santa Cruz do Rio Pardo passou por mudanças substanciais: 1) A matéria-prima deixou de ser suficiente para o beneficiamento local, sendo adquirida em outros municípios paulistas e, posteriormente em decorrência da queda do cultivo nesse estado, passou a ser oriunda no município de Uruguaiana (RS), distante 1.398 km. O município gaúcho consolidou-se como o principal produtor de arroz e tornou-se o maior polo brasileiro de

---

<sup>5</sup> Na obra "Pioneiros e Fazendeiros do estado de São Paulo" (MONBEIG, 1984), discute-se a inserção do café nas regiões citadas, ocorrendo principalmente em pequenas propriedades rurais, sendo que Fresca (2000) identificou o processo de acumulação por parte dos pequenos produtores rurais, e esse capital foi posteriormente investido em atividades econômicas urbanas.

beneficiamento do grão; 2) Apesar da distância da matéria-prima, transportada por caminhões, Santa Cruz do Rio Pardo notabilizava-se pela facilidade de acesso aos equipamentos industriais para o beneficiamento, em decorrência da presença da Máquinas Suzuki, diminuindo custos produtivos e contribuindo para a consolidação do setor; 3) O estado de São Paulo passou a partir da década de 1950 por um acelerado processo de urbanização, aumentando a demanda pelo arroz industrializado, sendo que a demanda era atendida pelas arrozeiras localizadas naquele estado.

Durante a década de 1980 ocorreu a expansão do setor arrozeiro, aumentando em 300% a quantidade de arroz beneficiado e, nas décadas seguintes observou-se a busca pela qualidade do produto pela maior diversificação, ofertando diferentes tipos de arroz, atendendo a qualidade exigida pelo mercado. Para tal, as arrozeiras passaram a inserir as selecionadoras de resíduos, implantando um intenso processo de modernização tecnológica. Nesse ponto, a Máquinas Suzuki, que estava atrasada tecnologicamente, não foi capaz de atender às inovações requeridas pelas arrozeiras, iniciando um processo de falência, o qual concluiu-se em 2019. Porém, a falência da indústria que atendia às demandas das arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo não foi capaz de gerar problemas às empresas, pois desenvolveram setores próprios de manutenção e, quanto aos serviços mais complexos e peças, intensificou-se os relacionamentos com as empresas Satake (Joinville-SC), Castilho (Buritama-SP), Reicol (Goiânia-GO), quanto às peças e; a Zacharias e Lucato (ambas de Limeira-SP), no tocante à aquisição de máquinas.

A Máquinas Suzuki foi o elemento que respaldou a criação do polo arrozeiro em Santa Cruz do Rio Pardo, pois apresentou importante papel na consolidação do setor analisado, devido ao fato de localizar-se no mesmo município, diminuindo custos de frete com maquinários e serviços, e, por ter desenvolvido o rolete de borracha, o qual diminuía a quebra dos grãos, gerando maior qualidade e rentabilidade. A origem das indústrias que compõe o polo arrozeiro também remete a iniciativa de agentes locais e ao contato próximo entre eles. As famílias de imigrantes italianos Pegorer, Manfrim, Zaia, Nardo e Picinin, residentes no bairro rural Água das Pedras, localizado em Santa Cruz do Rio Pardo, desenvolviam atividades agrícolas em pequenos estabelecimentos rurais, cultivando milho, feijão, café, e, em menor proporção, cana-de-açúcar. O capital acumulado nessas atividades agrícolas foi investido na compra das máquinas de beneficiamento da Máquinas Suzuki, criando as cerealistas<sup>6</sup>.

É importante frisar que na década de 1980, havia cerca de 200 empresas de beneficiamento de arroz no estado de São Paulo, sendo 28<sup>7</sup> localizadas em Santa Cruz do Rio Pardo. Nesse período a cidade ainda não apresentava destaque nacional no setor, na medida que a produtividade era baixa, dado o limitado aporte tecnológico utilizado e, por outro lado, a presença de cerealistas era algo corriqueiro no período, presente em diversas cidades, reflexo do recente processo de urbanização e demanda por alimentos básicos industrializados, dentre eles, o arroz beneficiado. Porém, na década de 2000, a maioria das empresas paulistas encerrou suas atividades, desenrolando uma crescente concentração de mercado, sendo que a maioria das empresas não conseguiram se manter devido aos problemas de logística e falta de investimentos tecnológicos.

Com isso, no estado de São Paulo, as indústrias de beneficiamento de arroz, tornaram-se menos numerosas e espacialmente concentradas sobretudo em Santa Cruz do Rio Pardo. Restaram seis arrozeiras em atividade na cidade (Picinin, Valle Branco, Rosalito, Guacira, São João e Solito), as quais aumentaram paulatinamente a participação no mercado, figurando-se presentemente como o

---

<sup>6</sup> O termo cerealista pode ser associado às empresas que não dispunham de um processo produtivo totalmente mecanizado, sendo que no caso de Santa Cruz do Rio Pardo, a partir da década de 2000, as empresas beneficiadoras de arroz podem ser denominadas “indústrias”, pois já haviam passado pela mecanização do processo produtivo. Apesar disso, as empresas pesquisadas se autodenominam “arrozeiras”, termo que empregamos no presente artigo.

<sup>7</sup> Um dos exemplos de arrozeiras que não prosseguiram no setor é a Cerealista Manfrim. Fundada em 1967 pela família Manfrim, tinha inicialmente o intuito de beneficiar arroz e café, porém seguiu caminhos distintos das demais cerealistas, pois devido à problemas de investimento na modernização do processo de beneficiamento, tornou-se pouco competitiva quanto ao beneficiamento do arroz, passando em meados de 1990 a comercializar um tipo de arroz para alimentação animal. Porém, o produto não foi bem aceito pelo mercado resultando no encerramento das atividades da empresa. Em 2001, os proprietários passaram a investir em alimentos para cães criando a Special Dog, que a partir de 2010 passou também a fabricar alimentos para gatos. Atualmente é uma das maiores empresas brasileiras desse segmento e utiliza como parte da matéria-prima, o farelo de arroz resíduo das arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo.

maior centro brasileiro de beneficiamento de arroz excetuando o estado do Rio Grande do Sul, líder no setor.

A arrozeira Rosalito foi fundada em 1970, São João em 1968, Guacira em 1977, Solito em 1961, Picinin em 1970 e a Valle Branco, 1975. Observou-se a origem comum, ou seja, o investimento de capitais acumulados com outras atividades econômicas e o caráter familiar do setor. Cabe citar que todas arrozeiras iniciaram suas atividades beneficiando café e soja, mas com o crescimento do setor do beneficiamento de arroz, as empresas deixaram de beneficiar os outros produtos, concentrando-se somente no arroz. Nas figuras 2 e 3 observa-se algumas arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo, a Picinin e a Solito, respectivamente.

Figura 2 - Vista parcial da arrozeira Picinin em Santa Cruz do Rio Pardo.



Autora - Ferreira Dias, 2018.

Figura 3 - Vista parcial da arrozeira Solito em Santa Cruz do Rio Pardo.



Autora - Ferreira Dias, 2018.



O crescimento da participação das arrozeiras santa-cruzenses no beneficiamento do arroz data da década de 2000, período que coincide com o fim das atividades da maioria das arrozeiras paulistas e com a modernização do setor, tornando o processo de beneficiamento totalmente mecanizado. Presentemente, a cidade é responsável pelo beneficiamento de 10% do arroz consumido no Brasil e cerca de 32% do estado de São Paulo. No tocante ao interior do estado paulista, Santa Cruz do Rio Pardo detém cerca de 55% do mercado consumidor, sendo sua principal área de atuação. As demais cerealistas do estado de São Paulo, Lago (Leme-SP) e Blue Bom (Ourinhos)<sup>8</sup> detêm cerca de 5% do mercado estadual. Além disso, as indústrias de beneficiamento de arroz de Santa Cruz do Rio Pardo apresentam atuação nos estados do Mato Grosso do Sul, Norte do Paraná e Sul de Minas Gerais.

Os fatores que levaram a essa concentração foram: 1) aumento da exigência do mercado consumidor quanto à qualidade do produto tornando necessário a expansão do arroz em áreas irrigadas, portanto não adequadas ao estado de São Paulo e, com isso, a distância da matéria-prima dificultava o beneficiamento do produto, sendo necessários investimentos em logística; 2) as cerealistas tornaram-se de fato indústrias devido à modernização pautada na completa automatização do processo produtivo, sendo necessários investimentos, o que nem todas as arrozeiras puderam realizar; 3) elevação dos custos com logística, impossibilitando à maioria das arrozeiras, deslocar o arroz ainda em casca do Rio Grande do Sul até o estado de São Paulo; 4) as empresas que, apesar de serem familiares, investiram na profissionalização da gestão inseriram-se melhor competitivamente; 5) havia oferta de máquinas de beneficiamento de arroz e peças, em parte devido à presença da Suzuki.

Porém, a indústria de beneficiamento de arroz se mostra um segmento concentrado no Rio Grande do Sul, pois conforme o Instituto Rio Grandense de Arroz - IRGA, há 174 indústrias existentes nesse estado. Os grupos empresariais Camil e Josapar, lideram nacionalmente o beneficiamento de arroz e sua escala de atuação remete ao território nacional, mediante a presença de centros de distribuição ou mesmo unidades de beneficiamento, bem como abrange países da América do Sul, dentre eles, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. Apesar disso, Santa Cruz do Rio Pardo apresenta importância no setor analisado e diferentemente do estado gaúcho, não há a presença de grandes grupos econômicos, sendo um setor pautado pela atuação de empresas de capital local.

De acordo com o Sr. M. F. P., da empresa Guacira, as relações familiares favoreceram o início e consolidação do setor arrozeiro santa-cruzense. O sucesso de um membro da família estimulava os demais a investirem no beneficiamento de arroz, explicando assim a forte presença, principalmente da família Pegorer, proprietária das arrozeiras Guacira, São João e Rosalito. As demais arrozeiras, Solito, Picinin e Valle Branco, das famílias Zaia, Picinin e Nardo, respectivamente, também apresentam relações com a família Pegorer, envolvendo parentesco, cargos de chefia e gestão.

O Sr. E. P., da São João, apontou que os cargos de gestão são passados “de pai para filho”, com a formação profissional e os conceitos da empresa são trabalhados constantemente. Apesar disso, nas empresas São João, Solito e Picinin há profissionais que não residem em Santa Cruz do Rio Pardo, atuando em funções de gerência de recursos humanos, comercial e finanças, pois os empresários entrevistados afirmaram que procuram por profissionais qualificados, nem sempre presentes na cidade. Para Fresca (2005) pode-se denominar esse tipo de relação social citada como contato próximo. Porém identificou-se um diferencial no caso de Santa Cruz do Rio Pardo, quanto ao fato de existir fortes relações familiares no segmento e o predomínio da atuação da família Pegorer. Explica-se que mesmo as arrozeiras não controladas pela família citada apresentam relações entre os proprietários ou cargos de chefia, envolvendo parentesco ou relacionamentos afetivos. Porém, as seis empresas de beneficiamento de arroz de Santa Cruz do Rio Pardo, embora apresentem origem semelhante, denotam perfis distintos. As empresas são consideradas conforme o Serviço Brasileiro de apoio à pequena empresa - SEBRAE como pequenas (entre 21 a 100 funcionários), A Picinin, que emprega 73 funcionários, Guacira com 60 funcionários (na unidade de Santa Cruz do Rio Pardo) e Vale Branco com 60 funcionários: médias empresas (101 a 500 funcionários), caso da Rosalito com 160 funcionários, Solito com 300 e São João com 330 trabalhadores (quadro 1).

<sup>8</sup> A Blue Bom de Ourinhos iniciou suas atividades em meados de 2000 e beneficia arroz, açúcar e feijão. No entanto, não foi constatado relações empresariais com as empresas de Santa Cruz do Rio Pardo, quanto relações de parentesco entre os proprietários, centros de distribuição, destino de resíduos e o processo de beneficiamento e comercialização. A empresa destina sua produção na cidade de Ourinhos e alguns municípios do Norte Pioneiro paranaense.

Quadro 1 - Características gerais das arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo.

Arrozeira	Quantidade de empregos (diretos)	Tipos de arroz beneficiados	Outros produtos beneficiados	Outros produtos comercializados (revenda)	Participação no mercado do estado de São Paulo (arroz) %	Principal mercado consumidor (arroz)
<b>Guacira</b>	60	Tipo 1, tipo 2, parboilizado, integral.	Não há.	Charque, azeite, pimenta, molhos, arroz gourmet tipo vermelho, preto, arbóreo, koshikari, oriental e basmati.	2%	Interior de São Paulo e Leste do Mato Grosso do Sul
<b>Picinin</b>	73	Tipo 1, tipo 2, tipo 3, parboilizado, integral, arbóreo, mix.	Açúcar cristal e extrafino, feijão tipo carioca, preto e bolinha.	Farinha de mandioca, farofa, arroz gourmet tipo arbóreo	4%	Interior de São Paulo e Norte do Paraná
<b>Rosalito</b>	160	Tipo 1, tipo 2, parboilizado, integral, mix.	Feijão tipo carioca, preto, bolinha, fradinho, branco, corda, jalo, rajado, rosinha.	Batata palha, queijo ralado, farofa, arroz gourmet tipo arbóreo.	6%	Interior de São Paulo
<b>São João</b>	330	Tipo 1, tipo 2, parboilizado, integral, oriental, mix.	Feijão tipo carioca, preto, bolinha, fradinho, branco.	Lentilha, grão de bico, sagu, milho de pipoca, ervilha, canjica	8%	Interior de São Paulo, Norte do Paraná, Sul de Minas Gerais, Rio Grande do Sul
<b>Solito</b>	300	Tipo 1, tipo 2, parboilizado, integral, mix.	Açúcar cristal, e extrafino, feijão tipo carioca, preto, bolinha	arroz gourmet tipo oriental, farinha de arroz e farinha industrial de arroz.	10%	Estado de São Paulo
<b>Valle Branco</b>	60	Tipo1, tipo 2, tipo3, parboilizado, integral, mix.	Açúcar cristal, e extrafino, feijão tipo carioca e preto.	Palmito, arroz gourmet tipo oriental	3%	Interior de São Paulo

Fonte - empresas beneficiadoras de arroz de Santa Cruz do Rio Pardo. Organização: a autora, 2019.

Apesar do arroz representar entre 80% e 90 % do faturamento das arrozeiras, todas apresentam diversificação de produtos (quadro 1). Parte da capacidade ociosa<sup>9</sup> das empresas têm sido usada no beneficiamento de outros alimentos e entre o fim da década de 1990 e início da década de 2000, as arrozeiras passaram a diversificar seus produtos. Parcela do açúcar produzido pela Usina São Luiz de Ourinhos é vendida às arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo, que realizam o processo de beneficiamento, eliminando impurezas, empacotando e levando a marca da arrozeira. O beneficiamento do feijão, envolve a limpeza do grão, seleção e o empacotamento, sendo a matéria-prima oriunda do estado do Paraná. Recentemente, as empresas também passaram a revender outros produtos (quadro 1), porém com a inserção da marca das arrozeiras.

<sup>9</sup> Conforme o Sr. Eduardo Pegorer, da São João, estima-se que o polo arrozeiro de Santa Cruz do Rio Pardo beneficie mensalmente 60.000 toneladas de arroz, e que a São João e a Solito apresentem ainda grande capacidade ociosa, podendo aumentar a produção se houver demanda.

A diversificação se dá em parte pela queda da demanda por arroz, a partir de meados da década de 2000, motivado por mudanças nos hábitos alimentares e aumento da renda per capita, aspectos apontados por Medeiros (2009). Porém, o autor pondera que a queda do consumo se deu entre os estratos populacionais de renda mais elevada, ao passo que aconteceu um paulatino aumento da demanda por carnes nesse segmento. Medeiros (2009) frisou o efeito das políticas públicas federais como o Bolsa Família, pois parcelas de menor poder aquisitivo passaram a obter acesso ao alimento industrializado apenas mediante ao programa governamental.

Acerca do produto básico, o arroz beneficiado (quadro 1), o arroz tipo 2 é vendido por todas as empresas ao passo que o tipo 3 é comercializado pela Valle Branco e Picinin. O entrevistado da Valle Branco, Sr. V. F. afirmou que esses tipos de arroz têm baixa demanda pois o consumidor busca pelo produto mais branco e menos quebrado possível, o arroz tipo 1 e, por outro lado, o aumento da renda per capita, durante a última década, tornou esse tipo de produto pouco procurado, pois o consumidor tem melhores condições para pagar por um produto de melhor qualidade. O arroz parboilizado, a despeito de suas qualidades nutricionais, também é um produto secundário, porém comercializado por todas as arrozeiras, caso semelhante ao arroz integral. Outras variedades como arroz basmati e oriental são importados e comercializados pelas arrozeiras, inserindo suas marcas.

Além dos produtos comercializados, as arrozeiras se diferenciam também pela área de atuação e participação no mercado consumidor (quadro 1). As principais arrozeiras, quanto à participação no mercado paulista, são a Solito com 10% e a São João com 8 % do mercado consumidor. Diferentemente das demais arrozeiras santa-cruzenses, a Solito e a São João, estão inseridas na capital paulista, mediante a existência de centros de distribuição, localizados na cidade de Barueri-SP. Embora a participação da Guacira no mercado do estado de São Paulo seja apenas 2%, a empresa tem bastante importância no estado do Mato Grosso do Sul, pois 55% de sua produção é vendida nesse estado, sendo o arroz beneficiado na unidade localizada na cidade de Dourados. Quanto à produção santa-cruzense, o arroz é vendido no interior paulista.

Em 2013, a São João inaugurou um centro de distribuição e uma unidade de beneficiamento em Uruguaiana (RS) a fim de comercializar arroz, sendo a 18ª maior empresa nesse segmento, empregando 45 pessoas no estado gaúcho. Recentemente, foi inserido a comercialização do açúcar Patekó, através do “frete de volta”, ou seja, a empresa envia o açúcar para Uruguaiana e recebe na volta, arroz beneficiado na unidade gaúcha ou para beneficiamento na unidade de Santa Cruz do Rio Pardo. Caso semelhante ocorre com a Rosalito, a qual envia o feijão beneficiado em Santa Cruz do Rio Pardo e traz de volta, o arroz beneficiado no Rio Grande do Sul, na sua unidade industrial. O beneficiamento na unidade em Uruguaiana é importante na medida que o arroz com casca, ou seja, sem ter passado por nenhum beneficiamento, eleva o peso do arroz em 12%, encarecendo o frete. Portanto, embora a Solito tenha maior participação no mercado paulista, além de ser a maior empresa beneficiadora de arroz da América Latina, desconsiderando os grupos econômicos do setor, como a Josapar e a Camil, localizadas no Rio Grande do Sul, a São João tem expandido sua produção também do ponto de vista geográfico, atuando em maiores áreas.

A Valle Branco participa de 3% do mercado estadual, sendo o mercado consumidor constituído pelo interior de São Paulo, principalmente o Centro-Oeste paulista. A Picinin, cuja participação no mercado paulista é de 4%, opera no interior de São Paulo e no Norte do Paraná. A Rosalito, cuja participação na comercialização de arroz, no mercado paulista, também se restringe ao interior, semelhante a São João, inaugurou recentemente um centro de distribuição em Uruguaiana com o objetivo de inserir o arroz da marca nesse estado e, principalmente, comercializar seus outros produtos, nesse caso, o destaque é o feijão da marca.

A necessidade de centros de distribuição se faz real pois o escoamento, feito por caminhões torna-se inviável em distâncias maiores que 800 km. No caso da existência de centros de distribuição na Grande São Paulo, o motivo refere-se, dentre outros, aos deslocamentos, que obedecem às legislações urbanísticas distintas. A importância da mecanização do processo de beneficiamento de arroz se deve quanto ao aumento da produtividade. Para tal, as arrozeiras de Santa Cruz do Rio Pardo empregam mecanização em todo o processo produtivo e robotização<sup>10</sup> na última etapa do beneficiamento do arroz, ou seja, na paletização. Conforme o entrevistado da Guacira, Sr. M. F. P. , do ponto de vista tecnológico as empresas de Santa Cruz do Rio Pardo são mais modernas que as gaúchas, pois, devido à distância da fonte de matéria-prima, Uruguaiana (RS), busca-se pela

<sup>10</sup> O termo robotização foi utilizado pelos empresários do setor arrozeiro. Trata-se do processo automatizado de enfiamento dos pacotes de arroz, realizado por um robô.

economia do processo produtivo utilizando os mais modernos equipamentos<sup>11</sup> para o beneficiamento do arroz. Portanto, apesar da distância da fonte de matéria-prima, Santa Cruz do Rio Pardo mantém-se competitiva frente às arrozeiras gaúchas dada a proximidade do mercado consumidor e pelo nível tecnológico.

Em suma, o processo produtivo que envolve o beneficiamento de arroz em Santa Cruz do Rio Pardo refere-se à: 1) aquisição da matéria-prima, oriunda principalmente do município de Uruguaiana (RS), considerando que o arroz não é cultivado em todo o território nacional, conforme analisaram Ferreira e Wander (2005); 2) o transporte através de caminhões até Santa Cruz do Rio Pardo; 3) o processo de beneficiamento de arroz em si, que envolve o descascamento, separação do grão quebrado do inteiro, eliminação de impurezas e brunir; 4) empacotamento utilizando embalagens oriundas da empresa Cristal de Morro da Fumaça (SC); 5) destinação do farelo do arroz, comercializado com a indústria de rações Special Dog; 6) destinação da casca do arroz, comercializado com a Cidal<sup>12</sup>; 7) Distribuição e comercialização, envolvendo o transporte para cidades próximas; 8) Algumas arrozeiras possuem centros de distribuição em outras cidades, caso da Guacira em Dourados (MS), São João em Uruguaiana (RS), Solito e Picinin em Barueri (SP), envolvendo logística e distribuição dos produtos nessas localidades e suas respectivas regiões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a década de 1960, as mudanças na agropecuária do Centro-Oeste Paulista, desencadearam a gênese da produção industrial de Santa Cruz do Rio Pardo, especializada na indústria de beneficiamento de arroz. Na realidade ocorreu a transferência de capital agrário, acumulado através da produção cafeeira, outrora predominante no município, para as atividades urbanas, destacando-se o beneficiamento de arroz. Os industriais do segmento do beneficiamento do arroz foram inicialmente ex-agricultores, que haviam adquirido o capital necessário para o investimento em outro segmento da economia, a indústria.

Considerando Corrêa (2011), compreende-se que Santa Cruz do Rio Pardo insere-se no tipo de pequena cidade especializada em alguma produção industrial, no caso o beneficiamento de arroz. Notou-se que: 1) há semelhança quanto à origem das empresas; 2) em relação ao setor produtivo, matéria-prima não é local; 3) a quantidade de empresas é reduzida (apenas 6); 4) as empresas detêm parte importante do mercado nacional de arroz; 7) as empresas destacam-se quanto ao volume produzido. A especialização produtiva dessa pequena cidade se revela quanto à participação das arrozeiras no mercado paulista, portanto relaciona-se à quantidade de arroz beneficiado.

Embora existam diferenças entre as arrozeiras, atreladas ao seu porte, sobressaem o contato próximo entre os proprietários, sendo apontado como um elemento que contribuiu para o fortalecimento do setor.

A partir da especialização produtiva desempenhada por Santa Cruz do Rio Pardo entende-se que a cidade mantém relações que sobressaem a rede urbana de Ourinhos devido a: 1) a origem do arroz beneficiado é gaúcha; 2) há centros de distribuição em São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul; 3) os equipamentos e peças usadas nas máquinas de beneficiamento são oriundos de outras cidades, na medida que a Máquinas Suzuki encerrou suas atividades em 2019; 4) o mercado consumidor extrapola a rede urbana de Ourinhos e consiste no estado de São Paulo, norte do Paraná e parte do Mato Grosso do Sul. Essas relações ocorrem sem a intermediação de outras cidades da rede urbana, existindo complexas interações estabelecidas entre cidades de distintas redes urbanas regionais.

Constatou-se a especialização produtiva relacionada ao beneficiamento de arroz, pois apesar da distância em relação à matéria-prima, as seis arrozeiras que consolidaram o setor em Santa Cruz do Rio Pardo, criaram elementos que permitem importante participação no setor, sendo que a localização da cidade favorece a comercialização da produção, concentrada no principal mercado consumidor brasileiro, o estado de São Paulo. O contato próximo, apontado por autores que estudaram especializações produtivas em pequenas cidades como fator essencial, é um elemento

<sup>11</sup> As arrozeiras possuem laboratório de qualidade e desenvolvem estudos para melhorar a qualidade do produto. A automação é completa, entre o descascamento e empacotamento, existindo diferenças no processo de seleção e classificação do arroz. O enfardamento, na maioria das empresas é automático, feito por robôs.

<sup>12</sup>A empresa santa-cruzense Cidal é especializada na comercialização e transformação industrial dos resíduos da casca de arroz, cujo destino refere-se principalmente aos aviários da cidade de Bastos (SP).

que também contribuiu para a consolidação da especialização na cidade estudada, acrescido das relações de parentesco. Essas relações contribuem para o fortalecimento do setor, buscando elementos que contribuam quanto à competitividade frente às arrozeiras gaúchas. A especialização completa-se mediante a atuação da Cidal, quanto a destinação da casca do arroz e da Special Dog, acerca do farelo do arroz.

## AGRADECIMENTOS

À Capes, que por meio da concessão da bolsa de doutoramento possibilitou a realização desse trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P.; FRESCA, T. M. Produção industrial em pequenas cidades e reinserção na rede urbana: O caso de Assaí-PR. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/19913287-Producao-industrial-em-pequenas-cidades-e-reinsercao-na-rede-urbana-o-caso-de-assai-pr.html>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ASSIS, L. F; ARAÚJO, F.F; GOMES, M.F A terceirização na cidade média de Sobral e suas influências nas cidades pequenas de Cariré e Varjota - CE. Sobral: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 8-9, nº 1, p. 123-140, 2006. Disponível em:

<<https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/96>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BELL, D; JAYNE, M. Small cities? towards a research agenda. Oxford: **International of Journal of Urban and Regional Research**, v.33, n.3, p.683-699, 2009. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2427.2009.00886.x>>. Acesso em: 11 out. 2020. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.2009.00886.x>

CANO, W. **Desconcentração Produtiva e Regional do Brasil: 1970-2005**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CAPEL, H. Las pequenas ciudades em la urbanización generalizada y ante la crisis global. Ciudad de Mexico: **Investigaciones Geográficas**, n.70, p.7-32, 2009. Disponível em:

<<http://www.investigacionesgeograficas.unam.mx/index.php/rig/article/view/18075>>. Acesso em: 10 out. 2020.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. São Paulo: **GEOSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, v.15, nº 3, p. 05-12, 2011. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74228>>. Acesso em: 02 abr. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2011.74228>

\_\_\_\_\_. **Estudos Sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105037>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FERREIRA DIAS, F. **Pequenas Cidades na Rede Urbana de Ourinhos-SP: Agronegócio e Especialização Produtiva**. 2019. 300 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000228452>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

FERREIRA, C. M; WANDER A. E. Mudanças na distribuição geográfica da produção e consumo do arroz no Brasil. São Paulo: **Informações Econômicas**, v.35, nº11, p.36-46, 2005. Disponível em:

<<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=4071>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FRESCA, T. M. **Transformações na rede urbana do Norte do Paraná: Estudo comparativo de três centros**. 2000, 436 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132011000300002>

\_\_\_\_\_. A rede urbana norte-paranaense e as cidades especializadas em produções industriais. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SP, 2005. p.5.554-4.574.

\_\_\_\_\_. Industrialização recente da rede urbana do norte do Paraná: cidades especializadas em produções industriais e transferência industrial. Maringá: **Boletim de Geografia**, v. 24, n.1 p. 129-146, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12390>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. Rede urbana e divisão territorial do trabalho. Londrina: **Revista Geografia**, v. 19 n. 2, p.115-128, 2010. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6926>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FRESCA, T. M. ; VEIGA, L. A. Pequenas cidades e especializações funcionais: o caso de Santa Fé/PR. Uberlândia: **Sociedade & Natureza** , v. 23,n.3, p. 387-396, 2011. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/sn/v23n3/v23n3a02.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agrícola do estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE, volume XXV, tomo 2, 1955.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades, 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em:<[https://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/\\_arquivos/regic\\_28.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Estimativas da população 2020**. Disponível em:

<[https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2020/estimativa\\_dou\\_2020.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf)>.

Acesso em: 12 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades, 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em:<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>>. Acesso em: 20 out. 2020.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil**. (Coleção Pesquisa, 3v), Brasília: IPEA; Rio de Janeiro: IBGE Campinas: UNICAMP-IE/NESUR; IPEA; IBGE, 2000. Disponível em:

<[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18261](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18261)>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MDIC - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Arranjos Produtivos Locais – APL**, 2018. Disponível em: <[http://www.mdic.gov.br/index.php/competitividade-industrial/arranjos-produtivos-locais#:~:text=Arranjos%20Produtivos%20Locais%20\(APLs\)%20s%C3%A3o,locais%2C%20tais%20como%3A%20governo%2C](http://www.mdic.gov.br/index.php/competitividade-industrial/arranjos-produtivos-locais#:~:text=Arranjos%20Produtivos%20Locais%20(APLs)%20s%C3%A3o,locais%2C%20tais%20como%3A%20governo%2C)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

MEDEIROS, M. C. **A geografia econômica do setor agroalimentar brasileiro: investimentos, recursos ociosos e dinâmica cíclica (1990 - 2007)**. 2009. 262 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de São Paulo, 2009. Disponível em:

<[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde02122009113643/publico/MARLON\\_CLOVIS\\_MEDEIROS.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde02122009113643/publico/MARLON_CLOVIS_MEDEIROS.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Polis, 1984.

NEGRI, B. **Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo (1880-1990)**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

OLANDA, E. R. As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela geografia. Goiânia: **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, p.183-191, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4699>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

QGIS.org, 2020. **QGIS Geographic Information System**. QGIS Association. Disponível em:< <http://www.qgis.org>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.

SPOSITO, M.E. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. Rio Claro: **Geografia**, v.35, n. 1, p.51-62, 2010. Disponível em:

<<https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/SPOSITO-Novas-Redes-Urbanas-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

VEIGA, L. A. **A Gênese e a Dinâmica das Fábricas de Mesas para Bilhar no Centro-Sul do Brasil**. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <<http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/paginas/teses-2014>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Jaguapitã-PR**: pequena cidade da rede urbana norte-paranaense especializada na produção industrial de mesas para bilhar. 2007. 235 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000125712>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

VEIGA, L. A.; FRESCA, T. M. A Locação de Mesas para Bilhar no Sul do Brasil: industriais de Jaguapitã-PR e o Mercado Consumidor no Rio Grande do Sul. **Boletim de Geografia (Online)**, v. 28, p. 93-102, 2010. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8553>>. Acesso em: 23 jul. 2020. <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v28i1.8553>

---

Recebido em: 24/05/2020

Aceito para publicação em: 07/12/2021